

Rio Fanzine: Os grafites do Rio também ganham status de arte • 4

SEGUNDO CADERNO

Cinema: MV Bill vai dirigir documentário sobre o tráfico • 8

SEXTA-FEIRA, 16 DE NOVEMBRO DE 2001

Chico volta tijolo a tijolo

Discos que o cantor lançou até 1986 e um CD bônus com faixas raras são reunidos na caixa 'Construção'

João Máximo

Construção — caixa de 22 CDs que inclui os três primeiros discos de Chico Buarque para a RGE e todos os outros que gravou depois na então Philips, atual Universal — tem todo jeito de um presente de Natal. Um dos responsáveis refere-se a ela como “um pacote de biscoito fino”, mas é na verdade um típico presente de Natal. Quer dizer, para quem possa dar presente de R\$ 400 e, entre os amigos que a mereçam e queiram, ache um que já não tenha toda obra de Chico Buarque em CD.

Mas é um presente, sobretudo, para a música popular brasileira, pela oportunidade de se reler, reouvir e reavaliar a primeira metade de uma das mais ricas obras autorais de nosso cancionário. O Chico de hoje, tão cobrado por não tirar um coelho da cartola a cada dia, não precisaria fazer mais nada para que essa obra já tivesse lugar garantido no futuro. Numa palavra, é uma obra. Poucos compositores podem se orgulhar disso. Razão pela qual, se ele pretende passar os próximos dois, três anos escrevendo novo romance, em vez de trabalhar novo disco, é um direito que, entre outras coisas, pode ser exercido sem que sua obra musical seja afetada. Repetindo, já é uma obra. Decadente, como sugeriu um letrista com sotaque de inveja? Citemos José Miguel Wisnick — por sinal, autor da mais sensível exegese da obra buarquiana — que em palestra recente, para provar que a canção brasileira continua viva, limitou-se a cantar uma: “Iracema voou”. De um Chico recente.

A primeira metade de sua obra em disco já tinha status de obra. Basta lembrar de como surgiu, há 35 anos, com o espetacular sucesso de “A banda”, já parecendo, nos versos singelos de uma marchinha à moda antiga, um garoto, no bom sentido, revolucionário (o termo estava na moda em 1966). Depois, a cada disco, superava-se, passando da singeleza ao desencanto amoroso, deste à crônica, desta a estudos da alma feminina, destes ao protesto político, deste ao retrato de uma realidade brasileira — sempre lúcido e apaixonado — que o transformaria no maior poeta da história de nossa canção e num compositor que, justamente pela força de sua poesia, nem sempre foi devidamente reconhecido como tal. Enfim, Chico Buarque de Hollanda.

Entre as ausências, os musicais com Edu Lobo que fez no período

• Sendo uma metade, a coleção tem muitas ausências, nem todas justificáveis. Entende-se as dos sete discos que, a partir de 1989, Chico gravou na BMG, depois de um saída meio litigiosa da então Philips: eles já pertencem à segunda metade. Certamente, problemas de direito não permitiram sua inclusão na caixa, embora nesta esteja a trilha sonora de “Os saltimbancos trapalhões”, do selo Ariola. Terá sido o mesmo caso dos quatro discos da Som Livre? Talvez. Mas esforços deveriam ter sido feitos para que pelo menos “Dança da meia-lua”, o segundo balé com Edu Lobo, finalmente chegasse ao CD. Lamenta-se também as ausências da estréia do compositor em “Vida e morte severina”, do segundo disco italiano que nunca saiu no Brasil, do show ao vivo em Paris, de matrizes que, gravadas ainda nos anos 60, mas nunca editadas sequer em LP, devem estar em alguma prateleira empoeirada à espera de que alguém as descubra. Ou ainda de lances inéditos da série televisiva que Chico e Caetano Veloso fizeram juntos na Globo.

Para não falar mais do que a caixa não tem, diga-se que lá estão, de fato, os três primeiros discos da RGE (1966, 1967 e 1968) e os 12 dos tempos da atual Universal (de 1970 a 1982, incluindo os shows ao vivo, as trilhas e o em espanhol) e mais seis, num total de 21. Sabe-se, por mais esse lançamento, que ficou mesmo perpetuada a burra intervenção da censura oficial em “Bárbara”, uma das obras-primas do proibido “Calabar”: foi apagada na fita-matriz uma das rimas que deixavam claro tratar-se de canção de amor de uma mulher para outra (“Vamos ceder enfim à tentação das nossas bocas cruas/ E mergulhar no poço escuro de nós duas”, este “duas” apagado). Mas, por um branco de inteligência do censor, foi deixada outra rima não menos explícita: “O meu destino é caminhar assim, desesperada e nua/ Sabendo que no fim da noite serei tua”.

Continua na página 2

Leonardo Aversa/20-12-99



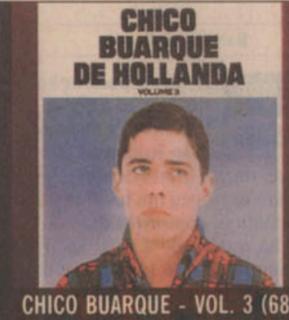
QUANDO O CARNAVAL... (72) CONSTRUÇÃO (71)



CAETANO E CHICO JUNTOS... (72) CHICO CANTA... (73) SINAL FECHADO (74) CHICO BUARQUE E MARIA... (75) MEUS CAROS AMIGOS (76) OS SALTIMBANCOS (77) CHICO BUARQUE (78) ÓPERA DO MALANDRO (79) VIDA (80)



CHICO BUARQUE - VOL. 2 (67)



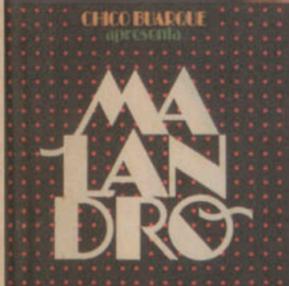
CHICO BUARQUE - VOL. 3 (68)



CHICO BUARQUE... - N°4 (70)



CHICO BUARQUE DE HOLLANDA (66)



MALANDRO (85)



CHICO BUARQUE (84)



TRILHA SONORA DO FILME... (86)



ALMANAQUE (81)



SALTIMBANCOS TRAPALHÕES (81)



EN ESPAÑOL (82)



PEDAÇO DE MIM (CD BÔNUS) (01)



TRAJETÓRIA DA OBRA (01)



CONSTRUÇÃO CHICO BUARQUE (01)

CD bônus tem uma irregular seleção de faixas

Duetos raros são os destaques mas faltam algumas canções

O 22º biscoito fino do pacote também não é bem um biscoito fino, e sim um presente dentro do presente. Mas quais terão sido os critérios que orientaram os responsáveis pela escolha das 20 faixas? Difícil dizer. A primeira leitura sugere que se tentou desarquivar um punhado de duetos pouco lembrados ou mesmo inéditos, com Elis, com Nara, com Djavan, com Pablo Milanés, todos de canções de Chico. Mas bem no fim entra um inexplicável "Anima e core" com Zizi, nem raro, nem de Chico, para desmentir a primeira leitura. Há decerto duetos pertinentes: o com Milton do livro-álbum "Terra", ou o com Fagner de "Joana Francesa" — compacto que tinha no outro lado belíssima versão orquestral de Luisinho Eça, infelizmente desconsiderada. E por que o intruso samba-enredo da Portela, samba e escola que nada têm a ver com Chico?

Faltou pesquisar os nomes dos músicos iniciais

Projetos como este têm de ser saudados com entusiasmo. Pelo respeito ao compositor, a começar pela preservação das capas originais, e pelo tombamento de acervo tão precioso como o de Chico. Mas que tal, para que o respeito seja completo, uma pesquisa profunda sobre que músicos participaram de cada faixa? O expediente, só habitual entre nós a partir dos anos 80, priva-nos de saber quem era aquela flauta, ou aquele piano, ou aquele violão, que acompanha Chico em sua já definitiva primeira metade. (J.M.) ■